

IMPRESSIONES MODERNAS – JORNALISMO E PRODUÇÃO TEATRAL NA BAHIA ENTRE 1956 E 1961

Jussilene Santana

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Teatro na Bahia, jornalismo, Universidade (Federal) da Bahia.

A criação de uma Escola de Teatro na então Universidade da Bahia¹ fazia parte de um programa arrojado empreendido pelo reitor Edgar Santos, em meados da década de 1950. Tal projeto cultural compreendia, entre outras iniciativas, a criação da Escola de Dança, dos Seminários Livres de Música e da incorporação da centenária Escola de Belas Artes. Segundo o espírito da administração Santos, tais unidades teriam como principal objetivo integrar a produção universitária à vida da comunidade, com a crescente conquista e formação de público para as manifestações artísticas e culturais (RISÉRIO, 1995: 47).

Numa cidade que sempre viveu atravessada por hábitos amadores e provincianos no fazer teatral, a empreitada surge com alguns objetivos inter-relacionados: divulgar a dramaturgia clássica e moderna através de encenações promovidas pelo próprio instituto e, numa junção entre teoria e prática, formar artistas (atores, diretores e técnicos) e público nos mais atuais métodos e técnicas teatrais. Para o empreendimento algo utópico, o reitor convidou o encenador, cenógrafo e médico pernambucano Eros Martim Gonçalves², que, aos 36 anos, já apresentava vasto currículo profissional.

Até a inauguração do Teatro Santo Antônio, atual Teatro Martim Gonçalves, em 26 de abril de 1958, a Escola de Teatro enfrentaria o velho problema da falta de teatros em Salvador com uma atitude moderna, utilizando espaços alternativos afinados com o tema e com o estilo da encenação. É assim que o vemos apresentando os três primeiros espetáculos da escola, o medieval *Auto da Cananéia*, de Gil Vicente, na Igreja de Santa Tereza, o baile pastoril *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado, no parque da Reitoria e *A Via Sacra*, de Henri Gheon, no Cruzeiro de São Francisco. O jornal *A Tarde* de 10 de agosto de 1956, chega a chamá-lo de “o responsável pelo renascimento do teatro ao ar livre no Brasil”, por conta de iniciativas como estas, anteriormente empreendidas no Rio de Janeiro.

As forças que atuaram nas transformações artísticas que irromperam na Bahia em meados do século XX, não foram apenas estéticas, ideológicas ou institucionais, mas um somatório complexo de todos esses aspectos. Entre elas, a cobertura jornalística teatral foi essencial para a implantação de um certo ideário moderno no teatro da cidade, inclusive influenciando posteriores inflexões de ordem poética. Há resistências e desdobramentos no fazer teatral que são também

¹ Esta Escola de Teatro vem a ser a primeira no Brasil promovida por uma universidade. Porém, até a década de 70 o Curso de Interpretação irá ser considerado de nível médio. Só em 1985 é criado o Bacharelado em Interpretação. Pesquisar em SANTANA, 2006, p. 50-54.

² Eros Martim Gonçalves Pereira nasce no Recife, em 14 de setembro de 1919. Morre no Rio de Janeiro, em 18 de março de 1973. Trabalhou como cenógrafo do TBC e Vera Cruz, foi sócio-fundador de O Tablado. Ver em SANTANA, 2006, p. 51.

estimulados através da atuação da imprensa e de suas escolhas de ordem político-administrativa (SANTANA, 2006: 245).

Cinco jornais diários circulam em Salvador entre 1956 e 1961. São eles: *Estado da Bahia*, *Diário da Bahia*, *Jornal da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*. Nossa abordagem se concentra na cobertura teatral dos jornais *Diário de Notícias* e *A Tarde*, entre os anos de 1956 e 1961. Neste período, tanto o *Diário de Notícias* quanto o *A Tarde* passam por diversas transformações de ordem técnica e editorial. Em geral, há melhoria na impressão, graças à aquisição de novo maquinário, melhor organicidade do texto no todo da página e aumento da publicação de fotos. São anos de experimentos com a criação de novos cadernos, suplementos e colunas, do exercício de formatos textuais, como também na variedade do número de páginas por edição.

O que é primeiramente notável no comportamento dos dois impressos é a diferença de *engajamento* em relação às inovações artísticas e culturais que se processam na cidade. Enquanto o *Diário de Notícias* está completamente integrado neste movimento, sendo inclusive co-formador deste rico processo socio-cultural-estético, o *A Tarde*, não raro, dá mostras de desconforto e inépcia no trato dos temas e atividades que mobilizam o fazer artístico. Ainda veremos que, por conta dessa postura, os formatos textuais e os cadernos especiais são empregados de maneira diferenciada. Lembremos que são anos em que também o jornalismo batalha pela delimitação profissional do seu campo. Não havendo equipe fixa, os repórteres que fazem a cobertura se aproximam do tema por afinidade, também não possuindo uma formação específica para a atividade.

Por conta desta postura, o *A Tarde* praticamente continuará com os mesmos espaços e colunas já empregados na cobertura do teatro amador, incorporando aí a produção profissional da Escola de Teatro e dos novos grupos de alunos egressos. Não obstante a permanência nos mesmos ambientes, as questões sobre um novo fazer teatral não chegam a ser acionadas. Este jornal mantém, durante todo o período, colunas alimentadas por notinhas, artigos e pequenos comentários opinativos sobre teatro.

A coluna *CRT A Tarde* (Cinema, Rádio e Teatro), que já é publicada em janeiro de 1956, deixa de ser impressa em 15 de junho de 1959, sendo substituída pela coluna *7 dias*, assinada por Adroaldo Ribeiro Costa, animador do teatro infantil Hora da Criança. Este espaço terá fundamental importância no questionamento do projeto da Escola de Teatro, sobretudo quanto à diretoria de Martim Gonçalves. Evitando comentar diretamente sobre a instituição, Adroaldo franquia sua coluna a todos aqueles que assim o queiram.

É através deste procedimento que os textos de Paulo Francis, do *Diário Carioca*, serão reimpressos. O destaque fica por conta da frequência, virulência e agressividade deste autor, que escreve sem nunca ter assistido qualquer espetáculo da Escola ou, sequer, ter vindo à Bahia. Outros textos também serão publicados nesta coluna, sempre utilizando pseudônimos.

Nota-se que raras vezes é o espetáculo (ou obra teatral) que é analisado na *7 dias*. Há também uma espécie de incompreensão sobre a autonomia do evento teatral como obra estética e profissional. Em paralelo a isso, o *A Tarde* publica eventuais comentários opinativos sobre os espetáculos apresentados na cidade, diagramando-os nas páginas destinadas à cobertura de cidade. Tais textos não são propriamente críticas, na medida em que não analisam em *profundidade* os elementos da linguagem teatral. Nesta época o limite entre os formatos é tênue, com predominância do cronismo.

Quanto ao *Diário de Notícias*, explode em experimentação, promovendo a edição de novos cadernos e suplementos. Vale destacar as experiências do caderno *Crônicas*³, do *Suplemento Dominical* e do caderno *Letras e Artes*, este mais tarde ainda abrigará a única coluna teatral do jornal, a *DN-Teatro*. A *DN-Teatro* intencionava publicar apenas críticas, mas, devido ao irregular número de estréias, imprime notas com agenda dos grupos e textos que discutem a própria função da crítica. Esta coluna também participa da severa campanha da imprensa contra a administração Martim Gonçalves.

O *Diário de Notícias* ainda publica constantemente entrevistas com artistas e técnicos, através das quais eles expõem suas considerações sobre o teatro que realizam. Os cadernos e suplementos do *Diário de Notícias* promovem constante polêmica, sendo um agregador de jovens criadores e intelectuais no período. Isso num momento em que ainda estamos imersos numa cultura predominantemente literária, na qual os jornais detêm certa supremacia, situando-se hierarquicamente num patamar superior em relação aos outros meios de comunicação. Impasses e conflitos futuros na política nacional e estadual, de certa forma, exaurem essas forças nascentes.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. **A Nova Onda Baiana: Cinema na Bahia (1958-1962)**. Salvador: EDUFBA, 2003. 218p.

EICHBAUER, Hélio e VELOSO, Dedé. **Arte na Bahia**. Salvador: Corrupio, 1991. 74p.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Fabricação do Presente – Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. 274p.

LEÃO, Raimundo Matos de. **Abertura para Outra Cena – Uma História do Teatro na Bahia a Partir da Criação da Escola de Teatro (1946-1966)**. Dissertação de mestrado aprovada pelo PPGAC/ET/UFBA, 2003.

LUDWIG, Selma Costa. **Mudanças na Vida Cultural de Salvador: 1950/1970**. Dissertação de mestrado aprovada pelo PPGCS/FFCH/UFBA, 1982.

MIRANDA, Nadja. **Jornalistas em Cena, Artistas em Pauta – A Cobertura Jornalística dos Espetáculos Teatrais Baianos Realizadas Pelos Jornais A Tarde e Correio da Bahia na Década de 90**. Dissertação de mestrado aprovada pelo PPGAC/ET/UFBA, 2001.

MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.) **O Jornal: da Forma ao Sentido**, Brasília: Paralelo 15, 1997. 298 p.

RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995. (Pontos sobre o Brasil). 260p.

³ As nove primeiras edições deste caderno são editadas pela arquiteta Lina Bo Bardi, então na Bahia para a criação e direção do Museu de Arte Moderna. Em SANTANA, 2006, p. 168.

SANTANA, Jussilene. **Impressões Modernas – Compreensão e Debate sobre Teatro nos jornais *A Tarde e Diário de Notícias* entre os anos de 1956 e 1961.** Dissertação de mestrado aprovada pelo PPGAC/ET/UFBA, 2006.